

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria



denominação
Fazenda Santa Rita

código
AV-FO6-Pet

localização
Estrada Araras-Secretário, bairro Vale das Videiras

município
Petrópolis - 4º distrito

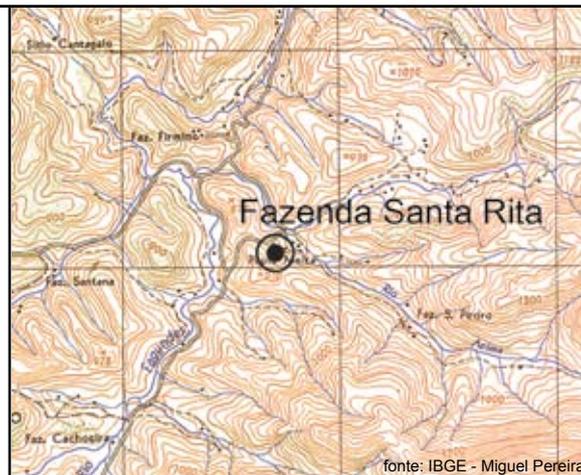
época de construção
início século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



fonte: IBGE - Miguel Pereira



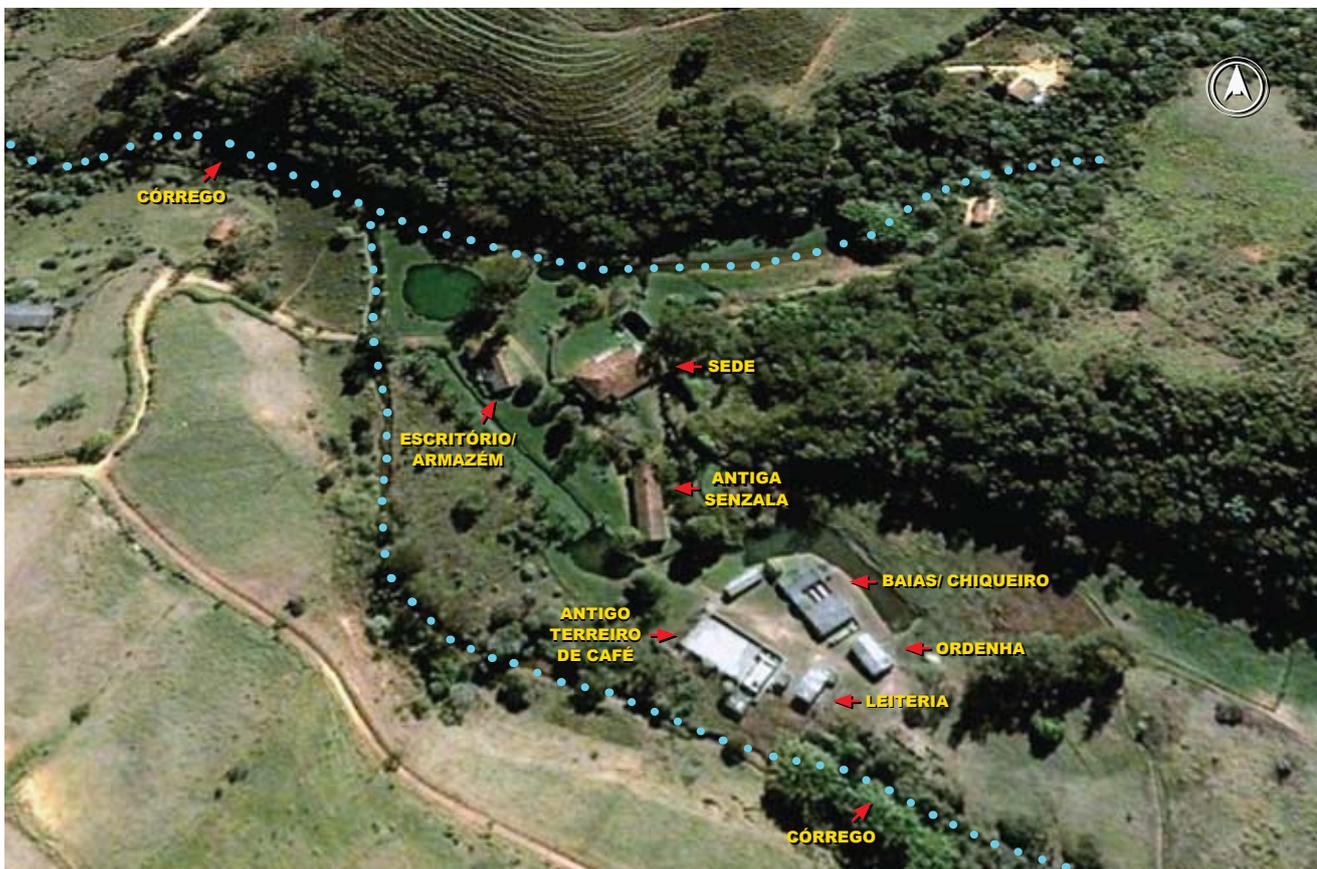
Fazenda Santa Rita, fachada principal

coordenador / data **Miriam Danowski e Eduardo Harguindeguy – abr 2009**
equipe **Miriam Danowski, Eduardo Harguindeguy**
histórico **Miriam Danowski & Eduardo Harguindeguy**

revisão
Coordenação técnica do projeto



situação



ambiência

A Fazenda Santa Rita fica a 4,5 km depois do núcleo urbano do Vale das Videiras, contados a partir do posto de gasolina ali existente, fora de operação há quase um ano. Outra referência é a Igreja de Santa Catarina, da qual a fazenda dista cerca de 3km.

Seguindo pela Estrada Pedro do Rio – Vale das Videiras, que vai para Itaipava, são cerca de 400m a partir do entrocamento (f01) da Rua Um, que leva para a Fazenda de Sant'Anna. Neste ponto dobra-se à direita numa outra bifurcação, marcada por uma manilha ao centro (f02), percorrendo-se 1km até a fazenda. Calcula-se que o núcleo da fazenda, ou seja, a área ocupada pela sede e demais edifícios, tenha em torno de oito alqueires (2.400m²).

A sede da fazenda localiza-se na convergência de dois pequenos vales (f03), em área de considerável declividade. Essa implantação teria facilitado o controle visual da plantação de café, na pequena várzea ao longo das margens do córrego que passa paralelo à estradinha que leva até a fazenda. Num mapa da fazenda, datado de 1892, esse córrego aparece com o nome de Ribeirão do Pinto.



01



02



03

Santa Rita conta com uma notável fartura d'água, dispondo de dois córregos permanentes que a margeiam, a partir dos quais vários açudes se sucedem (f04). Um sistema de canaletas (f05) distribui a água para os açudes e para a piscina, na lateral direita da casa (f06). Há também várias minas d'água nos morros vizinhos, de onde a fazenda se abastece de água potável. Esses córregos depois se juntam e vão encontrar o Rio Fagundes. Com tanta água, explica-se o jardim magnífico que embeleza a propriedade (f07).



04



05



06



07

Junto ao antigo portão de acesso à fazenda há uma servidão (f08) que, acompanhando as curvas de nível, permite uma visão panorâmica da propriedade e de suas edificações (f09 e f10). Seguindo-se por este caminho, parte de carro ou moto, parte a pé, numa quase escalada, é que se atinge o Morro do Cuca, que domina todo o vale, com 1.473m de altitude. Da sede da fazenda até ao seu cume, de onde se avista até a Ponte Rio-Niterói, leva-se em torno de 4 horas.

Ao longo do canal que passa ao lado do antigo armazém e depois em frente à antiga senzala, em direção ao fundo do terreno, os atuais donos plantaram uma fileira de palmeiras imperiais (f11).



08



09



10



11

Do conjunto original de Santa Rita estão mantidos: a sede, um pavilhão do lado direito de quem entra na fazenda, correspondente ao antigo armazém e escritórios (f12), a edificação mais ao fundo do terreno, que servia de senzala (f13) em conjunto com a que ficava sob a sede, e o terreiro de café, que hoje abriga um curral e a esterqueira (f14).

Outros prédios de construção recente, para apoio à criação de animais e processamento dos produtos deles extraídos, distribuem-se em forma de quadrilátero em frente a esse curral. No açude (f15) que fica junto a esses prédios, os proprietários criam carpas.

O morro à esquerda da fazenda está bastante desfalcado de cobertura vegetal, provavelmente por causa da pastagem dos animais. Porém, o da direita, que é mais alto e com maior declividade, mantém sua encosta muito preservada de mata atlântica.



12



13



14



15

A sede da Fazenda Santa Rita é uma edificação com planta retangular compacta e porão elevado na fachada principal (f16) e térrea nos fundos, com estrutura em madeira aparente e fechamento em pau a pique. A entrada na sede, pelo porão, pode ser feita por uma porta em verga reta (f17), encimada por uma bandeira trabalhada em ferro batido, mantendo porta dupla de madeira, que conduz a uma sala de estar, espécie de galeria, com pé direito bem alto, que leva à escada interna de acesso ao pavimento superior (f18 e 19). Nessa galeria está exposto parte do acervo fotográfico da família, além de pinturas e objetos antigos. Tem-se acesso, também, pela varanda de fundos (f20), contornando-se a casa e subindo-se uma pequena rampa, ou ainda por uma escada lateral. Dessa varanda de fundos se chega à cozinha, do lado esquerdo, ou a um *hall*, através de uma porta no centro dessa fachada, que se comunica com uma ampla sala de estar (f21), antecedida pela escada interna, que nasce no porão.



16



17



18



19



20

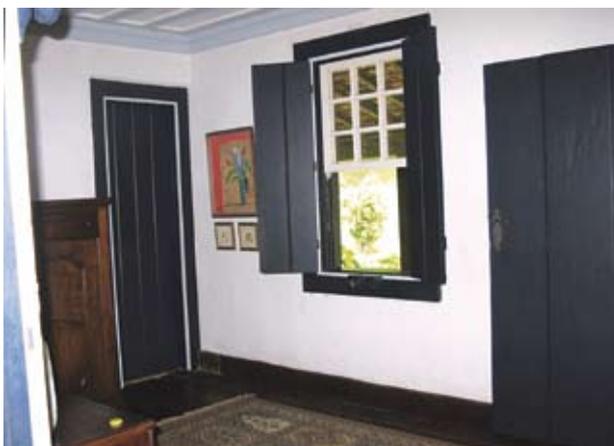


21

Do lado direito da varanda de fundos há ainda um acesso, através de uma pequena sala de estar (f22), quase um vestíbulo ampliado, servido por um banheiro. Desse cômodo se alcança a ampla sala de jantar (f23), separada de uma pequena sala de estar, por parede baixas.

Essa sala leva à varanda coberta, fechada por janelas, ao fim da qual está a capela (f24 e f25). À extremidade direita da varanda (f26), antes chegava uma escada que dominava o centro da fachada frontal da casa.

Neste andar, à direita, existem quatro quartos (f27), lado a lado. Na verdade as antigas alcovas, sem nenhum banheiro a servi-los. O banheiro social localiza-se no corredor que liga a sala de jantar ao *hall* de entrada de fundos. Fronteiro ao patamar da escada está a entrada para um corredor que dá acesso a duas suítes.



22



23



24



25



26



27

No porão, a galeria / sala de estar está contígua a uma sala de TV (f28) e a uma saleta para jogos (f29). Esta última, assim como o depósito situado na lateral direita, ficam sob a projeção da varanda do piso principal. Ainda no porão, do lado esquerdo, com acesso a partir da circulação interna, junto à escada, está mais uma área de lazer, incluindo sauna, banheira de hidromassagem e banheiro, além de adega, bar e mesa de sinuca (f30). Também se pode entrar nessa ala por duas portas duplas que se comunicam com o exterior da edificação. A entrada para a antiga senzala, hoje ocupada por depósitos, é feita pela lateral direita da casa, próximo à escada que leva à varanda dos fundos, no piso superior (f31). Em torno de toda a construção existe um calçamento de pedra, de uns 30cm de largo, provavelmente para proteger as paredes de respingos das chuvas, com degraus para acesso em frente aos vãos de entrada. O telhado da casa-sede mantém quatro águas, com beirais encachorrados e telhas coloniais. Quando foi construída a varanda nos fundos da edificação, o telhado ali foi estendido, ficando o frechal bastante baixo (f32) e esse acréscimo, feito na cozinha, criou um recorte no telhado (f33).



28



29



30



31



32



33

A fachada frontal, no trecho da varanda, avança em relação ao pano de fachada do restante do prédio, apresentando uma porta dupla, centralizada, no nível do porão alto e acima a sequência de cinco esquadrias de guilhotina, ao lado de um mosaico em losango, para sinalizar a existência da capela.

As quinas do prédio são em cunhal de madeira, tendo as vigas horizontais que saem dele uma função, além de estrutural, decorativa (f34).

Correspondendo à sala de estar no porão e à sala de estar no piso principal, as quatro janelas de guilhotina (f35) alinham-se entre si, respeitando a mesma modulação e destacando-se na composição da fachada. Na extremidade esquerda, duas janelas, também de guilhotina, paginam com as portas de acesso à área de lazer no porão.

Na fachada lateral direita, uma espécie de parede contrafortada encimada por um recorte caprichoso na alvenaria, abriga um sino, cujo original foi roubado, segundo os proprietários.

Todos os vãos das fachadas são em verga reta. As janelas, sempre de guilhotina com caixilhos de vidro, têm, com exceção daquelas da varanda, uma folha de madeira maciça para o fechamento interno.



34

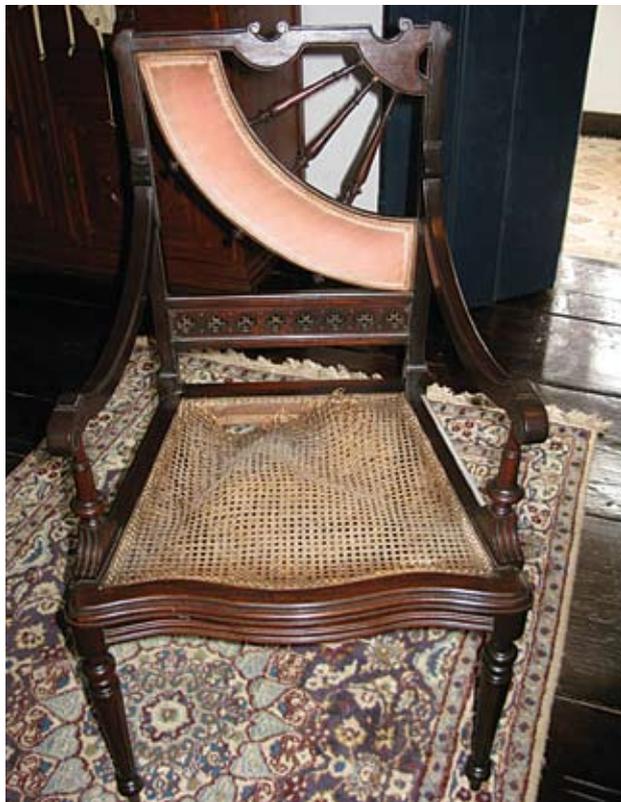


35

Dentre o mobiliário, diversas peças são de época, algumas adquiridas de fazendas vizinhas, o que aliás parece ser uma prática bem comum entre os proprietários desses imóveis (f36 à f39). Na comprida mesa da sala de jantar, de madeira maciça, há marcas do antigo ferro de passar, ainda existente. Em frente à essa mesa, há um imponente móvel de madeira escura, com bancada em mármore Port'Oro preto já extinto (f40). A queijeira sobre a mesa tem, na parte inferior, local para colocar água, com a finalidade de manter o queijo sempre fresco, hidratando-o.



36



37



38



39



40

O quadro com vaso de flores, na mesma sala, foi pintado por Celina do Rio Branco, filha do Barão de mesmo nome. No jardim estão as pedras de moinho (f41), originais da própria fazenda e, na antiga senzala, ainda pode ser visto um dos “troncos” usados para castigar os escravos (f42).

Foi mantida também, na parede do antigo armazém, uma placa em ferro fundido, avisando aos curiosos que a entrada na fazenda era “proibida” (f43).



41



42



43

A escritura de compra e venda da Fazenda Santa Rita, firmada pelos atuais proprietários em 1946, relacionava as benfeitorias então existentes:

“uma casa de sobrado, coberta de telhas, com varanda de frente e uma porta de acesso, com três salas, seis quartos assoalhados e forrados; casa anexa coberta de telhas, tendo armazém, despensa e cozinha de chão e telha; diversas tulhas, assoalhadas para café; casa de engenho, coberta de telhas, assoalhada, com todos os maquinismos para beneficiar café; inclusive roda d’água; um correr de telhas em número de quatro, assoalhadas; um apartamento para guardar arreios de tropa; casa de carpinteiro; casa coberta de telhas para abrigar carros; casa coberta de telhas, dividida em salões, depósito e mais dependências, assoalhada e forrada; um puxado coberto de telhas para abrigo de animais; um correr de casas, em número de quatro, coberto de telhas, para moradia, assoalhadas; balcões prateleiras, armações envidraçadas existentes na casa comercial; casa anexa coberta de telhas, com diversos cômodos para hóspedes da fazenda”.

Desde então, a casa passou por duas reformas. Na primeira, foi retirada a escada frontal e construída uma escada interna. Através dessa escada, na frente da edificação, subiam os escravos domésticos, aqueles que ficavam no porão em baixo da casa, para assistir à missa rezada na capela situada ao fundo da varanda. O senhor e seus familiares assistiam a cerimônia de dentro de um quarto lateral à capela. A capela, no entanto, foi mantida intacta, com exceção de um vitral losangular, colocado na parede que dá para a fachada principal. Possui imagens de santos (f44 à f46), com mais de 200 anos, com destaque para uma imagem barroca de Nossa Senhora da Conceição, adquirida da Fazenda de São Pedro, e a de um santo chinês oco (f47), com cabeça de encaixe.



44



45



46



47

Numa foto da fachada frontal da Fazenda Santa Rita, existente em matéria publicada no suplemento Serrana, do jornal O Dia, de 04/05/1997, ainda não há o vitral da capela, e pode-se verificar grande diferença nos vãos existentes na parede do porão, tais como janelas e portas que hoje já não existem.

Na segunda reforma, em 1997, feita a partir de pesquisa histórica para evitar ou minorar a descaracterização da arquitetura, foi construída a varanda na parte posterior da casa, com aumento da cozinha, aproveitando-se a área da segunda cozinha existente para a construção de mais dois banheiros. Os proprietários informam que, quando compraram a casa, já estavam construídos dois banheiros internos, mas que estes não serviam à casa toda, apenas transformando dois dos quartos em suítes.

Nesta época a atual varanda (f48) não existia, havendo apenas um telheiro sobre a porta de entrada – conforme pode ser comprovado através de pintura existente na casa (f49) – ao lado da qual havia um tanque, já que ali estava a parte de serviço. Por ocasião dessa reforma, também foram implementadas, no porão da sede, as obras para construção da banheira de hidromassagem, da sauna e da área de lazer.

O pavilhão da antiga senzala (f50) sofreu igualmente uma reforma com ampliação, feita pelos atuais proprietários, para servir de residência dos empregados solteiros. São dois quartos, uma suíte, banheiro, cozinha, área de serviço, despensa e uma sala, sobre a qual há um jirau. Toda essa edificação, com exceção da garagem, está suspensa do solo sobre um baldrame de madeira (f51), decerto para proteção contra a umidade. Com isso a garagem tem um pé direito mais alto que o restante. Encontra-se hoje aberta para a frente, mas há vestígios de portas laterais de um lado e de outro, ambas elevadas em relação ao piso (f52). Com acesso pelos fundos do prédio há, ainda, um sanitário de serviço.



48



49



50



51



52

O antigo paiol localizava-se junto ao caminho que ladeia a sede, em direção ao fundo do terreno e próximo da antiga senzala. Depois de reformado pelos atuais donos, funcionou como salão de festas, frequentado pelos funcionários da fazenda, até sua demolição há cerca de 10 anos. O paiol era uma edificação bastante alta, conforme depoimento da família.

Mais ao fundo do vale, depois do canal que liga os dois açudes atrás da antiga senzala, ainda existe o antigo terreiro de café, hoje transformado em curral (f53). Em frente e ao lado do curral, com partes bem arruinadas, há outras edificações de construção mais recente: a unidade de beneficiamento de laticínios ou leiteria (já em desuso), baias para cavalos, baias para ordenha, galinheiro, chiqueiro e depósitos (f54).

A poucos metros da entrada da fazenda, junto à estradinha de acesso, quase em frente à lateral da sede, está uma edificação (f55) anteriormente utilizada como armazém e escritório. Quando o acesso à fazenda era feito pelo portão que dá para a Estrada Pedro do Rio – Vale das Videiras, o armazém ficava de frente para essa entrada.

A mudança do portão de entrada (f56 e f57) teve o objetivo de afastar a casa principal do assédio dos transeuntes e do movimento de carros que atualmente ali existe. Hoje, o prédio serve de residência para empregados e depósito, mas tem dois cômodos bem danificados, inclusive o telhado, necessitando de manutenção.

Quase todas as paredes da sede tiveram o pau-a-pique substituído por alvenaria de tijolo, tendo o mesmo sido somente preservado nas paredes dos quatro quartos na lateral direita da edificação, no piso principal, correspondente às antigas alcovas.



53



54



55



56



57

As telhas originais foram sendo substituídas por novas, ao longo do tempo. Mas muitas ainda resistem. Na antiga senzala existente no porão sob a casa-sede pode-se ver com nitidez paredes de pau-a-pique bastante deterioradas, assim como a estrutura de concreto criada para apoiar o vigaamento do piso superior, em parte substituído na segunda reforma (f58 à f60).

Contam os proprietários que, segundo os mais antigos da região, escravos e animais eram colocados nessas senzalas debaixo da casa-grande, porque o calor deles emanado aquecia a parte de cima. Ali também se queimava madeira para amenizar o frio intenso do inverno. Muitos acreditam também nas histórias, segundo as quais, nessa antiga região de Santa Catarina, tratava-se bem os escravos – só os fujões iam para o tronco.

A sede da fazenda, de um modo geral, apresenta um ótimo grau de preservação, buscando os proprietários se informar e seguir as orientações especializadas, para que ela não se descaracterize.



58

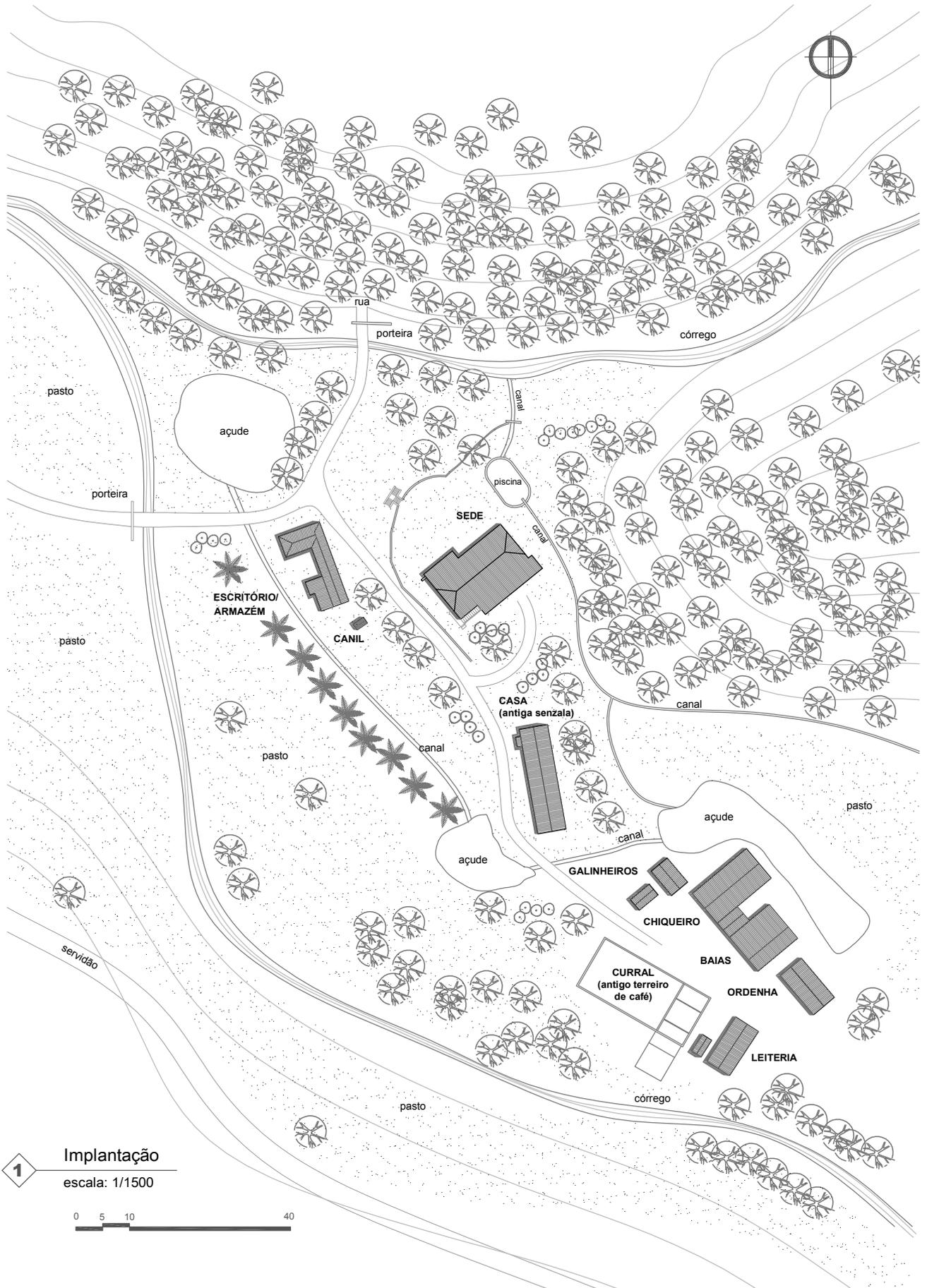


59



60

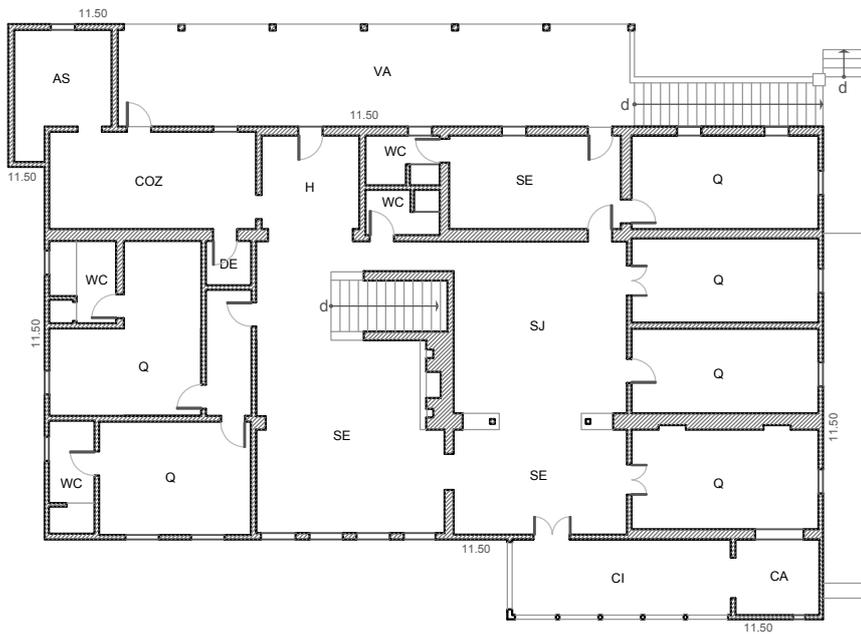
FAZENDA SANTA RITA



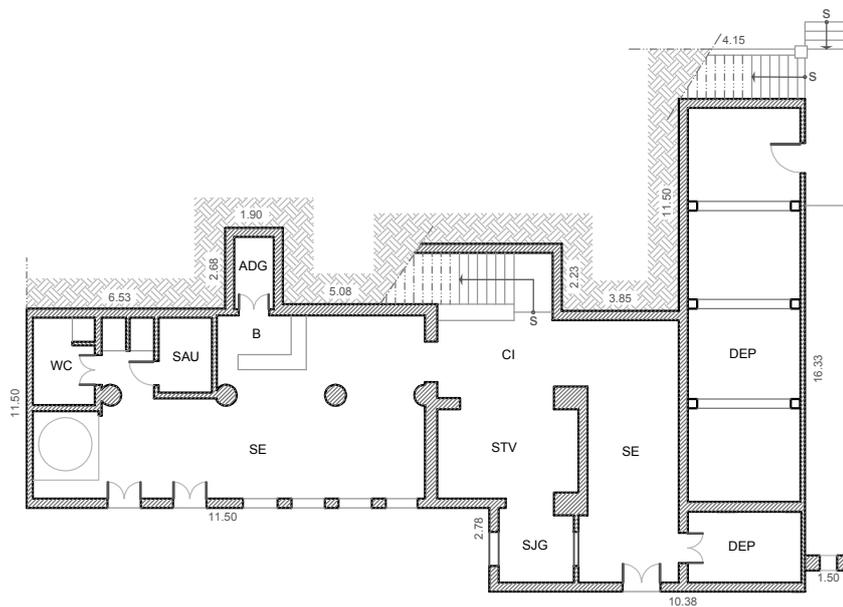
1 Implantação
escala: 1/1500



FAZENDA SANTA RITA



2 Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento
escala: 1/250

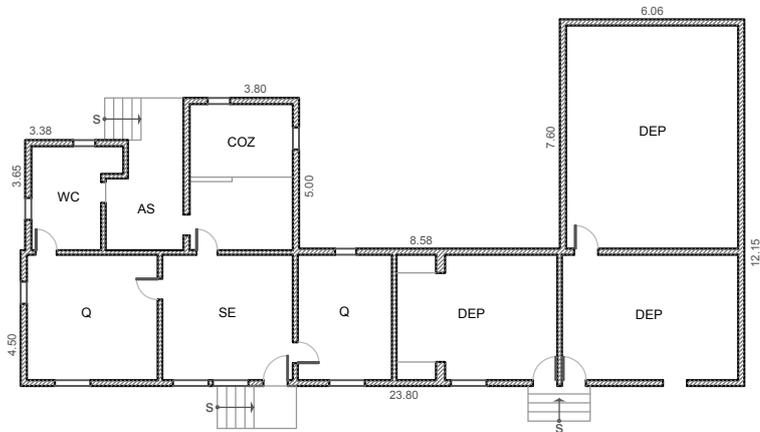


1 Planta Baixa da Sede - Térreo
escala: 1/250

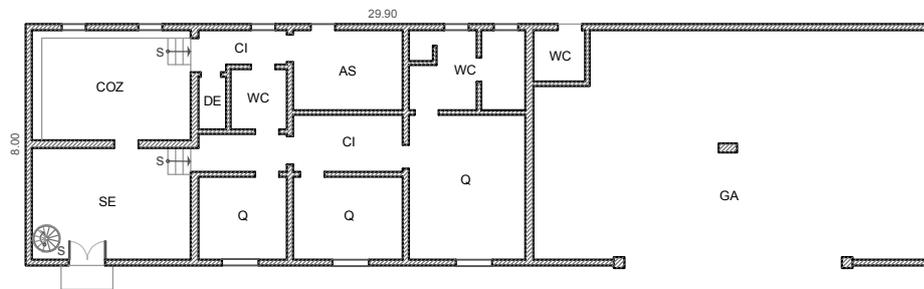


ADG - adega	CA - capela	DE - despensa	Q - quarto	SJ - sala de jantar	VA - varanda	alvenaria existente
AS - área de serviço	CI - circulação	DEP - depósito	SAU - sauna	SJG - sala de jogos		alvenaria demolida
B - bar	COZ - cozinha	H - hall	SE - sala de estar	WC - banheiro		

FAZENDA SANTA RITA



2 Planta Baixa Antiga Oficina/ Armazém
escala: 1/250



1 Planta Baixa Antiga Senzala
escala: 1/250



AS - área de serviço	COZ - cozinha	DEP - depósito	SE - sala de estar	WC - banheiro	alvenaria existente
CI - circulação	DE - despensa	GA - garagem	Q - quarto		alvenaria demolida

Conforme consta em desenho de época – *Planta de parte da Fazenda Santa Ritta, situada na Comarca de Vassouras* –, datada de 12 de janeiro de 1892, a casa da Fazenda Santa Rita foi desenhada e construída pelo engenheiro Pedro Américo Belém, por ordem do seu então proprietário, Sr. Manoel Valente da Silva que, ao longo do tempo, foi dividindo as terras entre seus filhos.

Nessa planta está indicado um pasto no lado esquerdo da atual entrada da fazenda, onde hoje há um açude, e um pomar, logo atrás desse pasto, abrangendo toda a área entre a estradinha que dá acesso à antiga senzala e o córrego que por ali passa, e que, mais adiante, ladeia o atual curral.

A fazenda, quando foi comprada pelos atuais donos, em meados da década de 1940, tinha 58 alqueires mineiros, segundo escritura no Registro de Imóveis de Vassouras, município a que Petrópolis pertencia. Essa é a mesma área que constava da planta de 1892, que nomeia a localidade, depois conhecida por Vale das Videiras, como Santa Catarina, em referência à igreja que havia ali.

Depois os proprietários foram comprando fazendas e sítios vizinhos, como a “Chácara”, a Fazenda da Vista Alegre e a Fazenda São Pedro, ampliando essa área para mais de 100 alqueires. No entanto, não conseguiram comprar duas glebas de terra pertencentes a moradores locais e seus descendentes, onde hoje estão construídas cerca de 15 moradias de integrantes daquela família. Esses moradores utilizam, para chegar até a estrada Araras/Secretário, uma servidão de passagem, que pertence à fazenda.

A planta de 10 de julho de 1893 também atribui ao engenheiro civil Pedro Américo a autoria do desenho e construção da Fazenda da Vista Alegre, de propriedade de Manoel Rodrigues d’Oliveira. Igualmente lhe é atribuída, em planta de 20 de julho do mesmo ano, a autoria do desenho e construção da Fazenda de São Pedro, dita como pertencente à Irineu Celestino da Rocha.

Interessante observar também que essas plantas devem ter sido feitas e apresentadas ao registro por ocasião da demarcação das terras da Cidade Imperial, ocorrida justamente em 1892. Até então, essa região estava sob a influência de Paty do Alferes e de Vassouras, como relata matéria na Revista de Petrópolis, sob o tema “Estações de Itaipava”, Ano II, nº 7, outono de 2005.

O escoamento da produção cafeeira era, inicialmente, feito por tropas de animais levando a mercadoria até Caxias, de onde era transportada de trem para o Rio de Janeiro. Quando foi construída a estação de Paty, era para lá que as fazendas de Santa Catarina (atual Vale das Videiras), inclusive a Santa Rita, mandavam seu café.

A ampliação da Fazenda Santa Rita, com a anexação de áreas vizinhas, pelos atuais donos, não foi feita, no entanto, através de remembramentos oficiais, e cada área continuou tendo sua própria escritura. Com o tempo, venderam diversos partes, como o sítio vizinho, onde está uma casa vermelha, e a Fazenda de Sant’Anna do Onça, também nas imediações, restando ainda em torno de 60 alqueires.

Atingida pela crise do café, no final da década de 1930, como todas as demais do eixo Vale das Videiras / Secretário, a Fazenda Santa Rita entrou em decadência. Nas décadas de 1950 e 60, a fazenda produzia uvas, café, tomate, repolho e leite.

O tomate era plantado na Fazenda Santa Rita e levado até Paty, onde havia uma tradicional festa deste fruto. Depois o preço caiu e as fazendas do Vale das Videiras passaram muitos anos sem qualquer atividade econômica significativa. Na década de 1980, como indica o Inventário Fundrem / Inepac, feito em 1982, as atividades principais na fazenda eram a produção de laticínios e a criação de animais, como bois, cavalos, coelhos e galinhas. Ainda se plantava um pouco de tomate, feijão e ervilha.

As melhorias dos serviços na região só começaram a acontecer mais tarde, com a energia elétrica em 1985, e o telefone em 2003. Foi somente a partir de 2005 que o filão do turismo começou a render alguns dividendos para as fazendas da região, incluindo a Santa Rita, que foi aberta para a visitação, com hospedagem, preparação de comida feita com produtos locais, sendo o atendimento feito diretamente pelos donos.

Uma das atrações para os que visitam o lugar é a deslumbrante cachoeira, formada por um dos córregos que atravessam a fazenda, na trilha para o Morro do Cuca (f61). Além do belo cenário, resultante da harmonia entre o paisagismo e a paisagem, fartamente documentados na matéria já citada e em outras publicações, há aspectos relevantes como o jardim (f62) em que o Presidente Getúlio Vargas jogou golfe.



61



62

A região foi alvo, por volta de 2005, de um projeto da prefeitura de Petrópolis denominado Rota 22, para a implementação de roteiros turístico-culturais, em parceria com o Sebrae e financiamento da Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil e BNDES que, infelizmente, não foi adiante. As iniciativas de captação de recursos para implemento do turismo cultural hoje são isoladas, de parte de cada fazenda, prevalecendo as dificuldades dos proprietários em mantê-las, como acontece com os de Santa Rita, que cogitam vendê-la.

Vale assinalar que o próprio Plano Diretor de Petrópolis coloca como diretriz o incentivo ao agroturismo, como maneira tanto de estimular a economia, quanto de evitar o parcelamento para fins urbanos, com a multiplicação de condomínios residenciais, dando uma chance para a preservação da memória daquela região e permitindo que se possa manter e recuperar as características originais dessas fazendas. É notável o contraste da situação atual com a dinâmica e a euforia que essa região demonstrava no correr do século XIX, principalmente em sua segunda metade e início do XX.

Seguem dados publicados na Revista de Petrópolis, em matéria já citada:

“Para se ter uma idéia da representatividade da produção de café em solo fluminense, em 1859, as fazendas do Rio produziam 78% do café brasileiro, enquanto as propriedades rurais de São Paulo, apenas 12%. Para entender o alcance desses números no cenário mundial, em torno de 1860, cabia ao Brasil a colheita de 51% dos grãos cultivados no mundo, percentual que salta para 57% nas últimas décadas daquele século. Volume impressionante que as propriedades rurais de Petrópolis ajudaram a incrementar”.

Os proprietários da Fazenda Santa Rita sempre estiveram envolvidos com o desenvolvimento do Vale das Videiras. A primeira escola, a primeira padaria e o primeiro armazém da localidade foram obras dessa família nas terras de sua fazenda. Seu patriarca esteve entre as personalidades que influenciaram, no início da década de 1960, na decisão do governo do estado do Rio de Janeiro de asfaltar a via principal de acesso ao Vale que recebeu, inclusive, o seu nome. Eram governadores, ministros e até presidentes da república, que tinham casas na região, ou interesses econômicos no município. Na época da construção da estrada, a ponte sobre o Rio das Araras, que era de madeira, foi substituída por outra, de concreto.

Dentre a imensa quantidade de histórias e lendas da região do Vale das Videiras, está a saga de Tiradentes, que teria pernoitado em várias fazendas, inclusive Santa Rita, quando comandante da Patrulha do Caminho Novo, no início do século XIX, conforme relata a historiadora Bia Nonato:

“Ao longo da variante do Caminho Novo, as tropas de muares asseguravam e mantinham a circulação de produtos e mercadorias, contribuindo para que surgissem inúmeros pousos e ranchos, destinados ao abrigo de tropeiros, cargas e animais. Nesta mesma época, Joaquim José da Silva Xavier, o “Tiradentes”, percorria este caminho como “condutor de tropas”. Assim, ele era esperado pelas aldeias, quer pelos produtores que precisassem remeter seus produtos à venda no Rio de Janeiro, quer pelos doentes que necessitassem de seus serviços, e até por namorados e amantes que por seu intermédio mandavam recados e bilhetes. De tal forma se aperfeiçoou em odontologia que, enquanto descia para o Rio transportando as manufaturas de sua terra (montassilhas, rédeas, peitorais, colchas de lã e tapetes), levando de volta para Minas sal e quinquilharias, ia ficando conhecido como o Tiradentes, pois tirava os dentes com a mais sutil ligeireza e ornava a boca de seus clientes com novos dentes feitos por ele mesmo em osso e que pareciam até naturais. Em 1781 Tiradentes foi designado o comandante da Patrulha do Caminho Novo ou “Ronda do Mato”, mas aí já atuando principalmente na Serra da Mantiqueira. Porém nunca deixou de frequentar nossa região, pois tinha feito inúmeras amizades durante suas viagens pelo Caminho Novo, especialmente no Arraial de Santana de Sebollas, hoje Inconfidência. Lá tinham grande acolhimento suas idéias de libertação e era onde morava seu grande amor, a fazendeira Dona Ana Mariana Barbosa”.

Fontes:

Estações de Itaipava, artigo na Revista de Petrópolis, Ano II, nº 7, outono de 2005;
Informações orais de Pedro Augusto Cybrão, Geny Medeiros e Samuel Ribeiro da Silva;
Jornal O Dia, suplemento Serrana, de 04/05/1997;
Jornal O Fluminense, Edição Histórica de 21 de Abril de 1972;
NETO, Jeronymo Ferreira Alves. *Subsídios para uma história de Secretário*;